

Povos Indígenas no Brasil

Fonte CORREIO BRAZILIENSE

Class.: 814

Data 21/04/89

Pg.: _____

Começa uma batalha também para controlar nova Funai

ROSANE GARCIA
Da Editoria Nacional

Definida a sucessão do presidente da República, uma nova mudança passa a preocupar uma minoria étnica nacional. Os índios já revelam a sua ansiedade para saber quem será o próximo nome a dirigir a Fundação Nacional do Índio, no governo Tancredo Neves. Cautelosos, preferem não apontar nomes e aguardam que a indicação venha do Palácio do Planalto e, aí sim, dar ou não sinal verde.

Paralelamente à postura de cautela dos índios, os candidatos ao cargo começam a se articular na expectativa de presidirem o órgão tutor. Como não poderia deixar de acontecer, os choques de interesses são inevitáveis, ainda mais se considerando que, no Governo Figueiredo, a Funai bateu recorde em conflitos e em constantes sucessões. Nos últimos seis anos, o órgão teve nada menos do que seis presidentes, superando todas as marcas, desde a sua criação em 1967.

Assim, a questão torna-se mais complexa, pois existem mais candidatos ao cargo do que houve em todo o processo à sucessão do presidente Figueiredo. Há, na verdade, mais caciques do que índios.

Nesta corrida rumo ao poder, em primeiro lugar saiu o atual presidente do órgão, Nelson Marabuto Domingues. Quando já definida praticamente a vitória do ex-governador mineiro no Colégio Eleitoral, Marabuto se disse, em novembro, apoiado por indigenistas do órgão para prosseguir no comando da Funai no próximo governo. Convicto de que tinha grandes chances, fez, perante um grupo de diplomatas estrangeiros que participavam do seminário sobre indigenismo, um discurso em tom futurista. Não tardou a reação dos indigenistas. Na mesma semana, em breve recado, afirmaram que tal apoio inexistia e que toda a categoria tinha compromisso exclusivo e restrito com os povos indígenas. Dessa forma descartaram, de pronto, a possibilidade de darem apoio político a Marabuto, ou a qualquer um dos seus antecessores.

Na semana passada, a cidade reuniu mais de 600 índios atraídos pela notícia do decreto que regulamentaria a mineração em território indígena. Muitos chegaram para confirmar-se de fato o presidente Figueiredo havia sustado a publicação do ato. Assim, aproveitaram a viagem não só para discutir problemas relacionados com suas áreas, mas também para se inteirar da questão sucessória. E, quase que por unanimidade, rejeitaram o nome de Marabuto, por entender que ele representa o continuísmo.

Ao lado de Nelson Marabuto, corre o seu superintendente executivo, Gerson da Silva

Alves, que embora lembrado em épocas de crise como uma alternativa para dirigir a Funai, não conta atualmente com o apoio das verdadeiras lideranças indígenas, nem dos indigenistas, mas é prestigiado pelo deputado Mário Juruna (PDT-RJ). O veto ao desejo de Gerson da Silva tem razões bem simples. Ele não desfruta de trânsito entre os políticos em evidência e não possui pulso administrativo para colocar em ordem o órgão tutor, carente de profundas reformas. Mesmo assim, a sua disposição é bastante grande. Na última quarta-feira, acompanhado de Mário Juruna, foi ao encontro do deputado Pimenta da Veiga (PMDB-MG) dando o primeiro passo para uma articulação política junto ao novo governo. Ao mesmo tempo Gerson não dispensa uma campanha no âmbito interno da Funai. Sempre muito atento às sucessivas reuniões das lideranças indígenas, procura visitar grupos isoladamente, e não deixa de favorecer ao seu simpatizante, o cacique-deputado. Na sexta-feira, ele verbalmente autorizou que uma aeronave do órgão transportasse Mário Juruna e toda a sua família até Barra do Garças (MT), para aproveitarem o fim de semana.

A figura do deputado Mário Juruna neste contexto representa um capítulo à parte. Pelo fato de ter votado em favor de Tancredo Neves no último dia 15, quer para si o direito de escolher, conforme o seu humor, o sucessor de Nelson Marabuto. De forma bem clara, disse, perante os grandes líderes que se encontram em Brasília, que a ele deve ser outorgada a competência de negociar com a assessoria do Presidente da República o próximo dirigente do órgão, usando do argumento de que com o ex-governador de Minas tem compromissos firmados, sem contudo enunciá-los. Além disso, afirmou pateticamente que não quer nenhum índio depois de 15 de março, assumindo cargos ou funções no órgão tutor, cuja administração deve ser de competência exclusiva dos "brancos".

A posição de Mário Juruna conflita frontalmente com os projetos das lideranças, que embora não achem ver um índio, no momento, à frente da Funai, não querem perder a conquista de participar da cúpula administrativa. Assim, ao invés de somar para que a Funai tenha uma solução melhor no futuro, em favor dos interesses das nações indígenas, o ingênuo deputado está tentando aumentar fissuras, reclamando para si direitos que jamais lhe foram conferidos.

MAIS UM

O ex-presidente da Funai, Jurandy Marcos da Fonseca,

é outro candidato que tem péssima cotação entre índios e indigenistas. Embora a seu favor pese a iniciativa de ter aberto o órgão à participação dos índios, contra ele existem argumentos muito fortes, como o seu envolvimento na prorrogação do arrendamento das terras Kadwéu, na serra do Bodoquena. A irregularidade denunciada logo depois de sua saída da Funai, pelo então procurador do órgão, Irineu de Oliveira, envolveu inclusive o deputado malufista Albino Coimbra DS-MS, cuja intermediação teria rendido cerca de Cr\$ 155 milhões a Jurandy.

A par dos declarados candidatos, há outros nomes que merecem apoio de alguns setores do indigenismo. Entre eles, destaca-se o antropólogo Olympio Serra, que já ocupou o cargo de administrador do Parque Indígena do Xingu. Ele conta com o respaldo das entidades de apoio ao índio, que durante o simpósio "Índio e Estado", realizado no ano passado, na Câmara dos Deputados, lançaram o seu nome como uma alternativa a ser pensada. Também o ex-superintendente da Funai, Pedro Paulo Fatorelli, na administração do engenheiro Ademar Ribeiro da Silva, sempre foi avocado quando o órgão se deparava com fortes crises. Além deles, o jurista Dalmo Dallari sempre foi lembrado por índios e por alguns blocos do indigenismo.

Mas, o presidente ideal na concepção de índios e observadores ter'a de ser uma pessoa com livre trânsito no novo governo, para obter recursos para dirigir a Funai e respaldo para defender uma tese perante os grandes grupos econômicos, principalmente no que tange à questão fundiária. Ter'a de ter autoridade e probidade suficientes para excluir dos quadros do órgão aqueles funcionários que lesaram o patrimônio indígena, possuidores de estabilidade empregatícia, e que se encontram prestando serviço em outras repartições federais, com ônus para a Funai. Além desses atributos, deverá ser bem conceituado e respeitado pelas comunidades indígenas.

Alguns líderes indígenas entendem que este momento não seria o mais propício para um índio assumir a presidência da Funai, considerando que por mais que haja elementos capazes entre as diversas nações, nenhum se enquadra no perfil político desejado. Contudo, o desejo de verem um silvícola no poder está enrustido, e é incontestável. E está sempre presente nos encontros e reuniões realizados. A casa do índio deveria, na opinião de vários líderes, ser de fato governada por um índio, já que em casa de branco, índio não apita.